

Apresentação

Perspectivas e desafios latino-americanos em tradução

Beethoven Alvarez¹ 

Lucía Tennina² 

Bethânia Mariani
Editora-chefe dos
Estudos de Linguagem

“As transformações e as apropriações inerentes à tradução são constitutivas da literatura latino-americana”, declara Waisman (2003, p. 356), quando discute o quanto a tradução “a partir da periferia” pode nos conduzir a “reconsiderações dos textos e culturas de origem e de destino” (p. 351). Com essa ideia como mote, inauguramos este dossier “Perspectivas e desafios latino-americanos em tradução”, que busca contribuir com discussões sobre tradução na América Latina e América Latina em tradução. Há tendência alvissareira – não só no campo dos Estudos da Tradução, mas em geral nos Estudos de Linguagem e Literatura – de ampliação de fronteiras epistemológicas do Sul e da América Latina. Forte indício dessa virada em direção a epistemes do Sul pode se verificar aqui na revista *Gragoatá*, que, agora em 2025, já publicou seu número 67 com debates sobre o paradigma emergente do comparativismo literário Sul-Sul; a mesma *Gragoatá* que, em 2024, com o n. 65, buscou pensar a América Latina a partir da obra crítica de uma intelectual latino-americana, Ana Pizarro, e que, ainda em 2021, com o n. 56, dera enfoque à educação linguística e formação docente no Sul Global.

¹Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, Brasil.
E-mail: balvarez@id.uff.br

²Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires, Argentina.
E-mail: luciatennina@gmail.com

Como citar:

ALVAREZ, Beethoven; TENNINA, Lucía. Perspectivas e desafios latino-americanos em tradução. *Gragoatá*, Niterói, v. 30, n. 68, e69697, maio.-ago. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v30i68.69697.pt>



Fora do Brasil, em 2018, a editora mexicana Bonilla Artigas publicou importantes três volumes para a área dos Estudos da Tradução na América Latina: “Latinoamérica traducida: aproximaciones recientes desde un campo en construcción”, “Los Estudios de Traducción en América Latina: una mirada a la región” e “Traducción, identidad y nacionalismo en Latinoamérica”, organizados por Nayelli Castro Ramírez, Anna Maria D’Amore e Paula Andrea Montoya. Essa coleção, de certa forma, comemorava uma década da revista colombiana “Mutatis Mutandis: Revista Latinoamericana de Traducción”, criada na Universidad de Antioquia, em 2008, que, desde então, fomenta a circulação de textos que ajudam a problematizar e qualificar as discussões sobre tradução na América Latina.

Seguindo esse filão, este número 68 da revista brasileira *Gragoatá* buscou reunir trabalhos que propusessem reflexões críticas sobre perspectivas e desafios da tradução no contexto da América Latina. Queríamos, com isso, juntar um compilado de trabalhos que, como em mosaico, nos ajudassem a traçar um retrato bem atual não só do que se traduz na América Latina, mas também daquilo que tradutores e pesquisadores produzem a partir da América Latina ou para a América Latina, em termos de tradução e epistemologias. Entendemos que discutir “[t]radução na América Latina é novamente repensar o que vem a ser as identidades latino-americanas e que culturas são estas que se nomeiam sob o adjetivo latino-americana”, como afirmaram Silva-Reis e Silva (2018, p. 17). Ainda é necessário repensar os imaginários sobre o que entendemos por América Latina e partimos da ideia de que a tradução oferece uma permeabilidade para discutir as diversidades e as múltiplas dimensões linguísticas e corporais que povoam este território. E continua sendo importante, também, incluir nesta discussão a presença do Brasil desde uma perspectiva transversal, a partir de todas as alteridades que o povoam e que o colocam em contexto latino-americano.

Os doze textos reunidos neste conjunto configuram um amplo e multifacetado panorama dos estudos contemporâneos sobre tradução, línguas, literatura e circulação cultural na América Latina, evidenciando a potência crítica da tradução como espaço de criação, resistência e reinvenção de sentidos. As reflexões aqui apresentadas articulam diferentes perspectivas — filológicas, literárias, sociológicas, políticas e semióticas — que permitem compreender a tradução não apenas como prática linguística, mas como gesto estético-político e epistemológico de mediação entre fronteiras que se entrelaçam. Destacamos também a pluralidade dos laços institucionais dos autores e autoras que assinam os artigos, perspectivas multisituadas que colaboram com a diversidade nas discussões e a variedade nos *corpora* bibliográficos citados.

Abrindo o conjunto, Adalberto Müller, em “O Trançado Verbal do Ayvu Rapyta: Tradução e Notas Filológicas”, apresenta uma nova leitura filológica do poema cosmogônico Guarani Mbyá, ressaltando o papel da tradução como via de escuta e propondo uma “nova filologia” para os

estudos de textos das artes verbais indígenas no Brasil. Segundo essa trilha de atenção ao diálogo interamericano, Leticia Pilger da Silva, de um lado, e Mariana Leivas Waquil, Camila Rodrigues Boff e Victória Silveira Fraga, de outro, voltam-se à presença e ausência de vozes femininas latino-americanas na tradução e no mercado editorial brasileiro: enquanto Silva examina o “nuevo boom” das escritoras contemporâneas traduzidas no Brasil, Waquil, Boff e Fraga evidenciam o silenciamento histórico de autoras hispano-americanas do século XIX, propondo bases para uma reparação tradutória futura.

A dimensão da circulação literária entre países latino-americanos também é explorada por Débora Garcia Restom, que investiga, em “Duas Coleções de Literatura Brasileira Traduzida na Argentina”, o papel dos agentes e das redes de consagração responsáveis pela difusão de autores brasileiros na Argentina durante as décadas de 1970 e 1980. Já Cecilia Fischer Dias e Karina de Castilhos Lucena, ao analisarem a tradução do romance *Fiebre tropical*, de Julián Delgado Lopera, refletem sobre os desafios de tradução do espanhol e a incompletude constitutiva da leitura multilíngue.

Em “Entre ‘tú’ e ‘vos’ há um nós: Cayetana traduzida”, Christy Beatriz Najarro Guzmán, analisando *Memorias del año de la Cayetana* (2020), de Jacinta Escudos, propõe uma poética do traduzir como prática criativa e política, enquanto Wagner Monteiro, em diálogo com a prática transcriativa haroldiana, revisita o gesto tradutório como forma de emulação e transculturação, explorando as relações entre o Barroco, o Neobarroco e a poesia hispano-americana.

A tradução como experiência coletiva e transnacional reaparece no trabalho de Antonio Andrade e Mariana Alvarenga de Oliveira, que analisam o projeto digital “Arcas de Babel” como laboratório de transcrição poética e experimentação na cibercultura. Já Alejandrina Falcón e Magdalena González Almada ampliam o olhar sobre o campo tradutório. Falcón revisita o número 144 da revista “Actes de la Recherche en Sciences Sociales” intitulado “Traduction: les échanges littéraires internationaux”, de 2002, e sua recepção na Argentina como marco na consolidação da sociologia francesa da tradução. E González Almada, por sua vez, aborda seu conceito “abigarramiento lingüístico” (González Almada, 2017) e a tradução cultural como modos de pensar a heterogeneidade e a tensão entre línguas e territórios na Bolívia.

As fronteiras do traduzir expandem-se ainda mais em “Traduções do Corpo Queer: Imagem, Dissidência e Refração na América Latina”, de Jânderson Albino Coswosk e Dennys Silva-Reis, que interpretam artefatos visuais pré-colombianos como traduções intrasemióticas das dissidências sexuais latino-americanas; os autores recorrem à teoria da refração para discutir os processos de apagamento colonial e ocultação do conteúdo “queer”. Encerrando o conjunto, Vinícius Carneiro e Ricardo Barberena analisam as escolhas tradutórias na edição francesa de “Kéro”,

de Plínio Marcos, refletindo sobre a representação do outro e a imagem da literatura marginal brasileira na França.

Em conjunto, esses trabalhos demonstram que traduzir é também repensar o modo como as línguas, os corpos, as culturas e as histórias se atravessam e se refazem mutuamente. Cada texto deste dossier, à sua maneira, convoca o leitor a perceber a tradução como prática de escuta, deslocamento e criação, mas também como ato político, em permanente movimento entre o local e o global, o antigo e o contemporâneo, o visível e o (in)traduzível.

Referências

- GONZÁLEZ ALMADA, Magdalena. Abigarramiento lingüístico, resistencia y traducción: la poesía de Mauro Alwa en el contexto de la literatura boliviana contemporánea. *Mitologías hoy*, Barcelona, v. 15, p. 350-370, 2017.
- RAMÍREZ, Nayelli Castro (ed.). *Traducción, identidad y nacionalismo en Latinoamérica*. Ciudad de México: Bonilla Artigas, 2018.
- RAMÍREZ, Nayelli Castro; D'AMORE, Anna Maria. (ed.). *Latinoamérica traducida: aproximaciones recientes desde un campo en construcción*. Ciudad de México: Bonilla Artigas, 2018.
- RAMÍREZ, Nayelli Castro; D'AMORE, Anna Maria; MONTOYA, Paula Andrea. (ed.). *Los Estudios de Traducción en América Latina: una mirada a la región*. Ciudad de México: Bonilla Artigas, 2018.
- SILVA-REIS, Dennys; SILVA, Liliam Ramos da. Horizontes da tradução na América Latina. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 57, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2018.
- WAISMAN, Sergio. The Thousand and One Nights in Argentina: translation, narrative, and politics in Borges, Puig and Piglia. *Comparative Literature Studies*, Pennsylvania, v. 40. n. 4, p. 351-371, 2003.